

ENDERECO: CAIXA POSTAL 195 - SAO PAULO
Redação: LADEIRA PORTO GERAL, 9
ASSINATURAS:
Ano 1920 - Semestre - \$3000
PACOTES:
Cada 12 exemplares, \$1000
NUMERO AVULSO - 100 REIS

A PLEBE

CONTRASTES PUNGENTES
MISERIA E OPULENCIA

Com a chegada repentina do frio, este frio que penetra e humida que corta a carne e entregala os ossos, dando um aspecto de tristeza e de consternação a parte da população proletaria, é que se pode perceber nitidamente a quanto leva a diferença de castas, de classes e de categorias em que a sociedade está dividida e que não deve continuar para sempre, honra e gloria da humanidade pensante e sensata.

Nestas mesmas condições em que a população de uma familia proletaria vive, a burguezia vive, em condições de bem estar e de abundância para o futuro, para os filhos e para os netos, para os estabelecimentos e ateliês, para os bônus e para as estradas de terra, em busca do pão que nem sempre abunda.

Pobres operarios, convergindo leveis andares de alvenaria, sem um quente cobertor que os agasalhe, magros esqueléticos, encolhidos, lá vão sofrendo no convívio das mãos, no hábito deus e quasi apagados como de um mundo a que não pertencem, em condições de nestas rigorosas condições de Exploração domica e que não lhes proporcionam meios de se agasalhar e combatarem o inverno.

Pobres moças, obrigadas a sair por estas ruas siberianas, mal ocultando as nugas carnes de sua constituição esquelética, sob uns vestidos e transparentes tecidos que nem cobrem, nem aquecem, nem defendem contra a rajada da neblina fria, que é a melhor precursora de reumatismos dolorosos e arruinantes, impossibilitadas de adquirir quentes e confortos agasalhos.

Pobres e míseras crianças, tão novas e debéis ainda, mal já obrigadas a um labor permanente, que se prolonga de manhã à noite, trabalho extenuante, embrutecedor, sofrido, frio inclemente ou tivoerno, calor sofocante no verão, condeladas à eterna exploração e a eterna miséria, cilas, tambem elas, a caminhar da fabrica para as oficinas, frias, nuas, descalças, salvas, com as unhas enegrecidas e os narizes vermelhos, quasi termómetros a marcar em temperatura abaixo do zero...

Alguem afirmou que o inverno era inimigo dos pobres. Em verdade, é o mais implacavelmente, o mais encarnigado, o mais descarado dos inimigos. Até parece que se fez aliado do socio dos patrões!

Agora vejamos o reverso da medalha. Passemos o nosso olhar descendido pelos bairros e pelas castas onde Milhão impera. Coisa surpreendente! O inverno que é um flagelo para o pobre, constitue festa para os ricos! Os burguezes, sem precisar de casacos e mantas, saem da cama quando o ar do dia já conseguiu, com seu odor, dissipar a neblina dos ares e amornar a temperatura. To-mam, ainda na cama, o seu quente leite com canela, o seu perfume e substancial chocolate, ou o seu agradável e liquoroso vinho de Porto. Envolvem-se só tecidos de pura lã, desde as meias até aos peludos sobrevestidos, que os agasalham e lhes afastam o frio. Nas mãos, quentes luvas. Visjam em rápidos e hermeticos automoveis ou em cómodos vagões de estrada de ferro onde o sr. frio, em medo de penetrar, con-

servindo-se sempre de lã, de reserva para os desconhecidos. Em caso não lhes entra o frio tambem. Vivem em palacetes elegantes onde o sol espalha luz e calor por todos os lados, podendo entrar por todas as janelas e levar os seus tapizados caros até aos angulos mais afastados. Passam o dia, bem agasalhados, em conversas picantes, danças de bella temperada, e em jogos onde os adreches de cartas e as alfândegas servem de barricada a tais ataques de frio. As camas são uns fornos e as estufas de inverno um paraíso.

As senhoras e as crianças, quando saem à rua, parece que é só para ostentarem os inumeráveis apetrechos com que affrontam o mais usado gelo, a uma baixa temperatura, que de resto nem lhes rogam de leve na epiderme. Vestem quentes vestidos e quentes luvas de lã, paletós e capas peludas, nas mãos enfiadas em elegantes luvas, no pescoço as mais ricas e belas pedras e buás desconhecidas pendem como a ventar ao risco do frio que se não apovam, que não afronte essas flores de estufa cuja inutilidade está mais que demonstrada e verificada.

Deste modo, é claro, o frio constitua até um esporte dedicado a assoalhar toda a indumentaria da burguezia - facilidade monopolizada em detrimento, em prejuizo das classes laboriosas e sacrificadas. Mas que coração duro não tolerará esta diferença de situações, dando às classes oprimidas todos os confortos imagináveis e aos trabalhadores faltando até com o mais necessário à sua existência?

E vós, operarios, de quem vos queixareis? De vós mesmos, não é verdade?

DEMOCRITO.

A burguezia italiana, sentindo o terreno fugir-lhe dos pés com a atitude cada vez mais revolucionaria do proletariado do país, resolveu a sua ultima cega tentativa de manter o poder e o domínio, no momento em que os operarios se levantaram por todos os pontos constitucionais, que o haviam aliado, há anos, para o ostracismo. Basta isso para que, quem vê as coisas com olhos de ver, se aperceba da gravidade da situação social da Italia peninsular.

"A PLEBE"

Com a noticia do aparecimento de artigos das associações operarias, julga-se que A Plebe cessará a sua publicação. Apressamo-nos a informar os camaradas, amigos e ao proletariado em geral que tal não succederá. A Plebe, que constitue um patrimonio de esforços pingentes e de lutas constantes; continuará a aparecer regularmente todas as semanas e, quando tivermos visado certas dificuldades, restabeleceremos a sua publicação diaria, e luctu, mantendo seu caráter específico de órgão libertario.

Da Italia rebelde

CARTA DE UM DEPORTADO

De vossa dedicado camarada Alexandre Zanella, expulso, como se sabe, em outubro do ano passado por uma medida violenta e estúpida dos governantes reaccionarios e republicanos, nestas cartas, que conjuntamente, nestas cartas, nos quais nos dá noticias suas e sobre o que se passa na Italia.

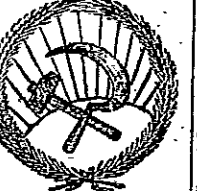
Caros companheiros: Consegui algumas noticias da tel leitura de alguns jornais que me foram fornecidos por Gigi Damiani. Constante, com satisfação, que, apesar da expulsão de todos os anarquistas estrangeiros, a nossa obra, como era de esperar, não sofreu no Brasil solução de continuidade.

A minha prisão foi efetuada na officina d'A Plebe, onde me encontrava entregue à fabrica consuetudinária e que não abandonarei, apesar de saber que estava ameaçada, por considerá-la a casa dos trabalhadores e, portanto, a minha tambem.

Acho-me aqui verdadeiramente bloqueado, pois por uma carta de minha companheira, recebida depois de 45 dias com as noticias, enciosamento esperadas, da qual me sae o sentimento de comunicar-me o seu embargo para a Italia, fui informado de que me têm sido encaminhadas varias cartas e pacotes de jornais que até agora não me chegaram em meus. Que diabo! Pelo que se vê, os esbirros policiaes andam a ver se, metendo o bedelho no serviço postal, evitam a implantação do regime comunista...

Correspondendo aos seus esforços, transmiti-lhes por meio desta, se a abrirem, meu forçadavel adeus de mão fechada, que destino tambem ao Vitorio B. daqui...

Os governantes da Italia peninsular estão trabalhando, de accordo com os plutocratas daí, para restabelecer a corrente repressora para a terra de B. Eplício. Enquanto isso, os camponeses vão se apressando das terras...



O simbolo dos proletarios Italianos em luta

ras o tratado de cultiva-as por propria conta, dirigindo eles mesmos o serviço. São as primeiras experiencias do trabalho comunista que se vão fazendo em quasi todas as regiões da península.

De vez em quando, propele-se a noticia de um destes belos gestos. Os rudes trabalhadores do campo invadem as terras, expulsam os capitalistas e assecias e formam os seus grupos comunistas.

Vem depois a Guardia Real, os patrões e... os reformatos, os estarmos maua pastores, que, mansuetamente, estabelecem acordos, cedendo parte para não perder tudo, transigindo

com o fim de garantir o stato quo.

E, assim, as coisas voltam aparentemente à normalidade. Perdura, no entanto, o espirito de revolta, a necessidade de acção no sentido apropriado.

Ah! queria ver aqui os Tirásias dari a produzir comovios, a assaltar os sédes operarias e a perseguir os anarquistas, a expulsar trabalhadores...

Os companheiros do Brasil, no momento oportuno devem fazer o embarcar para este país para que se dediquem a um proveitoso tempo de preparação de tolerancia... Jesuítas.

Os anarquistas, socialistas e socialistas reutilizam reuniões nas sédes de escolas publicas, que lhes são... eguidas pelas autoridades!

No Brasil é a jesuitada que goza dessa regalia. Dia virá, porém, que o paciente Joca Tatú fará mudar a face das coisas.

Errico Malatesta, o estimado e valoroso autor do Entre Camponeses, vive comigo na sede da Unione Sindical Italiana.

Que velhinho que ele está! No entanto, não é de seu agrado que o chamem de velho.

Eu estou cada vez mais jovem - disse-me ele um dia destas. E, de facto, a sua actividade assim o demonstra. Age mais do que muitos moços milhanes. Convive com o povo e para o povo. Para ele são todos os seus cuidados, o seu carinho.

Malatesta onde quer que appareça é respeitado e aclamado. O trabalhador está com ele e com ele estará em qualquer emergencia.

Sobre o nosso movimento da Italia muito vos teria a dizer, deixo, porém, para outras cartas.

Não quero fazer profecias sobre a situação revolucionaria deste país, porque o tempo dos profetas já está sepultado na historia.

Mas... esperemos. Envio a minha saudação aos companheiros e ao operariado do Brasil.

ALEXANDRE ZANELLA.

As agencias telegraficas burguezas... mais uma vez, nos ultimos dias, o regime de eleição da Russia, assinado no momento Trotski, pôde em fuga Lenin e colocado no poder a general Brusiloff, que pouco antes haviam assassinado. Percebemos logo o alcance de tal noticia: prepara-se o animo do publico basque para receber a noticia de alguma nova levada pelos elementos do capitalismo internacional.

É a esta vez, talvez, a se confirmem. As forças policas ao serviço dos oligos foram encorajadas de Kell, foram recrutadas e não tardarão a ser a metáfora do exercito de De...

TORPEZAS E PERSEGUIÇÕES
A HISTORIA SE REPETE...

Nos tempos que em França havia salões verdadeiramente literarios, onde se encontravam os homens mais eminentes do saber e da intelligencia e mulheres espirituosas e cultas; nos velhos tempos que em França havia salões verdadeiramente literarios (e quem fala em França subentende Paris) - os pensadores do estylo de João Jacques Rousseau, Voltaire, D'Alembert, Diderot, Mirabeau, Condorcet, etc., eram tidos como seres extravagantes, de ideas pervertidas, mas argumentação irrefragavel. Para o misoneismo da época, esses homens atrevidos, que zombavam de coisas até ali consideradas intangíveis e escalescerados e barbaros. Alguns pagaram o crime de ter idéas na Bastilha ou na prisão de Vincennes; outros morreram no exílio sempre difícil e incerto...

Esses escritores, para me labor poder difundir suas idéas, tiveram de recorrer ao processo de criar personagens como o Caudado, o dr. Pangloss, Rameau e seu sobrinho, Bougainville, etc., na boca dos quais punham as idéas que eles não podiam expressar sem experimentar as infernais masmorras das cadeias de então. Essa classica literatura revolucionaria ainda hoje nos deleita e enche de admiração pela ousadia da explanação e pela justiça dos conceitos. Eram homens que bem mereciam a admiração dos posterios. A grande revolução desencadeou-se, devida ao trabalho desses pensadores audazes e bons, e os direitos do homem ficaram insculpidos no codigo de todos os povos sofisticados civilizados. Casto muito isso. A Europa militar e prepotente - Austria, Inglaterra, Prussia - alinouse feroz, furiosa contra os convencionais francezes, como agora se alia contra os bolchevistas russos. Incidiu-se o bloqueio alimentar e intelectual. Os francezes famintos, róticos, mal-luzes, venceram os exercitos fatios e bem equipados dos eslavos. Os livros dos enciclopedistas, catados obstinadamente por toda parte pelos espiões e policias, mesmo assim conseguiram transpor as fronteiras, atravessar os mares e através de finitos cuidados e perigos, circulavam levando em boia a palavra confortadora e mágica da liberdade.

A propriedade da terra

É justo que haja homens aos quais está vedado o direito de aproveitar os frutos da terra que é considerado como propriedade de todos os homens? É justo que a maioria esteja obrigada a consagrar em proveito de outros, sob a forma de impostos, uma parte do seu trabalho? É justo que todos os homens não possam disfrutar o que se reputa como propriedade de um só? É justo e equitativo que todos os homens, em geral, não tenham direito a cultivar para si a terra, sendo esta considerada como propriedade dos que a cultivam?

Prentende-se que o legislador estabelecido do esta lei, partiu da suposição de que a propriedade territorial é condição indispensavel para a propriedade da agricultura e que se não existisse a propriedade individual, transmissivel por herança, os homens, temendo muitos ataques, não se arriscariam a melhorar o campo. Mas isto é verdade? Interrogai a historia e os successos contemporaneos. A historia diz que a propriedade territorial foi criada, não com a ideia de garantir a posse da terra, mas o acambramento do solo, comum a todos, pelos conquistadores.

A instituição da propriedade territorial não teve, pois, por objeto, nem o fomento nem a agricultura. Ao contrario, os factos demonstram que a propriedade territorial não constitua para o agricultor, de forma alguma, a certeza de não ser privado dos seus cultivos. Os que se aproveitaram, e aproveitam ainda da propriedade territorial, são os proprietarios poderosos, enquanto a grande massa dos agricultores se encontra no caso de quem cultiva uma terra alheia, da qual pode ser expulso na primeira oportunidade, pelos que não a cultivam.

Noutros termos, o direito de propriedade territorial, como existe atualmente, não garante ao agricultor o produto do trabalho que empregou na terra; mas oferece a garantia de apoderar-se desse trabalho. O direito de propriedade territorial, longe de melhorar a fortuna do agricultor que a terra lhe comprometa.

LEÃO TOLSTOÏ